

Refrações no tempo literário, na ficção de Maria José de Queiroz

Refractions in Literary Time in Maria José de Queiroz Fiction

Ana Cecília Estellita Lins

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Goiás | GO | BR

linsanacec@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0678-6801>

Resumo: Neste artigo examina-se parte da obra de Maria José de Queiroz, com enfoque nos diversos modos de manifestação do tempo. Selecionaram-se os romances *Homem de sete partidas* (Queiroz, 1980) e *Sobre os rios que vão* (Queiroz, 1990), a novela “O julgamento”, que consta do livro *Amor cruel, amor vingador* (Queiroz, 1996a), e o livro infanto-juvenil *O chapéu encantado* (Queiroz, 1998), para identificar o tratamento dado nessas ficções às questões temporais. Utiliza-se como suporte teórico o ensaio *Refrações no tempo* (Queiroz, 1996b), da mesma autora, assim como textos de Roland Barthes (1987), Alfonso Martin Jiménez (1989), Edward Morgan Forster (2005), Jacques Derrida (2012) e Chris Sinha e Enrique Bernárdez (2015). Conclui-se que o estilo de Queiroz apresenta características linguísticas, semânticas e histórico-culturais relacionadas ao tratamento do tempo que contribuem para gerar efeitos dramáticos.

Palavras-chave: marcadores temporais; saudade; sequência de tempo; tempo subjetivo.

Abstract: This article examines part of Maria José de Queiroz’s work, with the focus on different ways of manifesting time. There were selected the novels *Homem de sete partidas* (Queiroz, 1980) and *Sobre os rios que vão* (Queiroz, 1990), the short story “O julgamento” (The judgement), which is inserted in the book *Amor cruel, amor vingador* (Queiroz, 1996a), and the children’s book *O chapéu encantado* (Queiroz, 1998), in order to identify some temporal issues of these fictions. The study uses as a theoretical support the essay of the same author, named *Refrações no tempo* (Queiroz, 1996b), as well as texts by Roland Barthes (1987), Alfonso Martin Jiménez (1989), Edward Morgan Forster (2005), Jacques Derrida (2012), Chris Sinha and Enrique Bernárdez (2015). The



conclusion is that Queiroz's style shows linguistic, semantic and historical-culture characteristics of temporal aspects that contribute to generate dramatic effects.

Keywords: temporal markers; longing; temporal sequence; subjective time.

1 Introdução

Este artigo concentra-se em uma pequena porção da produção de Maria José de Queiroz (1934-2023), com o intuito de mostrar como algumas das reflexões que essa autora desenvolve em seu ensaio sobre as refrações no tempo, ao se verem enriquecidas por sua linguagem ficcional, desvendam a maneira como ela trabalha o tempo literário. Queiroz, escritora e professora universitária, em seu papel subsidiário de historiadora e filósofa, nos textos que aborda em seu trabalho de crítica literária e ensaísta – como *Refrações no tempo* (Queiroz, 1996b), entre outros – correlaciona estruturas sociais em seus diferentes tempos e costura fronteiras que ajudam a confrontar o estudo dos diferentes matizes do tempo.

Realça-se, da biobibliografia dessa intelectual belo-horizontina, sua experiência de docência não só na Universidade Federal de Minas Gerais como também em algumas universidades estrangeiras, a qual, aliada à sua intensa produtividade como escritora que transita por distintos gêneros, resultou numa variegada transmissão de conhecimento de distintas áreas, para todas as idades (Barbosa, 2018). De sua criação ficcional, destacou-se, para ilustrar as reflexões que constroem este artigo, os romances *Homem de sete partidas* (Queiroz, 1980) e *Sobre os rios que vão* (Queiroz, 1990), a novela “O julgamento”, que compõe o livro *Amor cruel, amor vingador* (Queiroz, 1996a), e o livro infantojuvenil *O chapéu encantado* (Queiroz, 1998).

Umberto Eco (2018) relata que produziu seu romance *O nome da rosa* congregando seu conhecimento acumulado como catedrático. Nos romances de Queiroz percebe-se, igualmente, a erudição da acadêmica que se debruçou por anos sobre as línguas românicas e a história de seus falantes. Surgem no contexto expressões idiomáticas peculiares a cada povo, informações históricas e geográficas pormenorizadas e até pinceladas de crítica literária, tal qual a comparação entre os romances *La vorágine*, de José Eustasio Rivera, e *A selva*, de José Maria Ferreira de Castro, incluída em relato do narrador autodiegético de *Homem de sete partidas* (Queiroz, 1980, p. 86).

Sob essa perspectiva, foca-se nos aspectos da obra de Queiroz que evidenciem o tratamento do tempo, com auxílio do enfoque dado pelos teóricos literários Roland Barthes (1987), Alfonso Martín Jiménez (1989), Edward Morgan Forster (2005), Jacques Derrida (2012), Chris Sinha e Enrique Bernárdez (2015).

2 O tempo literário na obra de Maria José de Queiroz

Maria José de Queiroz é uma escritora de linguagem refinada, mas não hermética. Depurou seu estilo sem com isso aproximar-se daquele literato que Barthes (1987, p. 71) descreve como o que quer “[...] tornar-se douto, teórico intelectual, nunca mais falar senão de um lugar moral, limpo de toda sensualidade de linguagem”. A ficção de Queiroz tange a vida, abarca todas suas contradições, mostrando as pendulações de Euclides entre a prostituta Lola, a nazista Catarina Shack e sua cunhada Luzia (Queiroz, 1980), ou a ansiedade de Raimundo enquanto tenta desvendar as intenções de sua odiada madrasta (Queiroz, 1996a).

O romance *Homem de sete partidas* (Queiroz, 1980) caracteriza-se pelo mergulho no tempo subjetivo das personagens, que refletem sobre processos vividos por si próprias e pelas outras. *O chapéu encantado* (Queiroz, 1998) transforma a vida do menino Dudu, que pelo estudo pode percorrer imaginativamente os tempos históricos trilhados por desbravadores do mundo e da ciência: “E, no correr dos séculos, outros capítulos seriam acrescentados à história do chapéu encantado. Chegara a hora de escrevê-la em português” (Queiroz, 1998, p. 32). “O juramento” – novela inserida em *Amor cruel, amor vingador* (Queiroz, 1996a) – revela o passo a passo de um investigador policial à procura da lógica sequencial dos acontecimentos que redundaram num crime: “Pedroso tinha por hábito anotar numa caderneta algumas palavras-chave; era com elas que armava o teorema dos crimes cuja solução ficava a seu encargo” (Queiroz, 1996a, p. 43). *Sobre os rios que vão* (Queiroz, 1990), ao traçar a trajetória de um judeu contemporâneo, nascido em terras brasileiras, inicia-se com uma demonstração dos sentimentos gerados pela quebra de sua continuidade ancestral, representada pela mudança de nome, de Joel Levi para Jari Leite, tal qual já haviam feito muitos cristãos novos, em tempos remotos. Há alívio, mas também perplexidade, descrença, rejeição de sua estirpe. A mãe de Joel resume sua perda num lamento irônico: “Também, como exigir piedade filial de alguém que se chama Jari?” (Queiroz, 1990, p. 10). O pai, que de Fatuel passa-se a chamar Faustino, para agradar o filho, apesar de sua aceitação compungida, “[s]ente ímpetos de explicar-lhe que o judeu não é um ser geográfico: suas raízes aprofundam-se no tempo” (Queiroz, 1990, p. 38).

Ao buscar inter-relacionar as manifestações temporais contidas em *Refrações no tempo* (Queiroz, 1996b) com os sentidos transmitidos pela linguagem trabalhada nesses outros textos dessa mesma autora, recorda-se que, no discurso da ficção, a refração pode estar relacionada à promessa, nos termos estabelecidos por Derrida (2012, p. 248), quem a define como um acontecimento vindouro. Essa promessa, que pode ser considerada tanto semanticamente quanto por seu aspecto pragmático, é, consequentemente, um acontecimento que desencadeia uma sucessão de outros acontecimentos: Dudu recebe um chapéu que transforma sua trajetória de estudante (Queiroz, 1998); Bernardo Gomes Bastos empreende a viagem que lhe fora prometida por seu tio Euclides, em busca da herança também prometida (Queiroz, 1980); Jari Leite instaura, pela mudança de seu nome próprio, um novo marco zero em sua vida, que impacta igualmente a vida de todos a seu redor (Queiroz, 1990); Pedroso, que promete agir com justeza em sua profissão, para cumprir seu propósito deve assistir à condenação de um inocente que se imola para manter sua própria promessa (Queiroz, 1996a), o que remete a um aforismo de Derrida (2012, p. 250): “[...] a justiça deve ser ela mesma trabalhada ou assombrada por seu contrário, pelo perjúrio, para poder ser justiça”.

O guia de todas essas personagens é o fluxo inexorável do tempo. A fim de levantar o tratamento de elementos temporais nas ficções em que elas se inserem, considera-se tempo a partir da seguinte ponderação de Sinha e Bernárdez (2015, p. 57):

O estatuto ontológico do tempo permanece indefinido na física e na filosofia da ciência; mas seja qual for o seu estatuto no universo físico, não há como negar que o tempo é um aspecto fundamental da vida no mundo experiencial e fenomenológico. É importante, no entanto, tentar distinguir este aspecto temporal da experiência, o qual nós podemos assumir ser transcultural, a partir das diversas conceituações de tempo fortemente apoiadas na abordagem cultural [...].

A ficcionalização da experiência humana, culturalmente estruturada e interpretada, incorpora à figuração das personagens o tempo literário. Acrescenta-se, portanto, essa compreensão da internalização do tempo à seguinte consideração de Forster (2005, p. 26): “O erudito, como o filósofo, pode contemplar o rio do tempo. Não o contempla como um todo, mas pode ver os fatos, as personalidades que fluem à sua frente, e avaliar as relações entre eles [...]”. Tem-se que o hábil literato concretiza em sua obra a representação do tempo pelas pinceladas do correr da vida que surgem da narrativa de acontecimentos em que se envolvem suas personagens. Assim, a refração evidencia-se na concepção e construção textual da manifestação literária do tempo de maneira que os leitores a possam experimentar, em sua interação com narradores e personagens.

Andrei Kofman (2020) expõe didaticamente, a partir da subjetividade inerente ao conceito de tempo na escrita, que se contrapõe à objetividade do tempo histórico, quatro modelos de tempo literário, que vem a ser: o tempo mitológico, o tempo reversível, o tempo parado – considerado atemporalidade, e o tempo integrador. Logo, a construção da narrativa pode apresentar distintos movimentos temporais, sejam estes cíclicos, retrospectivos, de grau zero ou indicativos de uma unidade cronológica. Em *Homem de sete partidas*, Queiroz trabalha a sequência de tempo tanto linearmente, com a progressão da história de vida de Bernardo Gomes Bastos e de Euclides Gomes Bastos, quanto ciclicamente, na medida em que Bernardo percorre os passos desse seu tio. Bernardo lembra que: “De menino, dele guardara lembrança vaga” (Queiroz, 1980, p. 16), situando o tio no mítico passado de sua infância. Em *O chapéu encantado* (Queiroz, 1998), Dudu se vê transformado por um objeto que carrega a significância do tempo histórico e o pode fazer retroagir. Em *Sobre os rios que vão* (Queiroz, 1990, p. 5), o início da jornada de Jari Leite como brasileiro legítimo assim é anunciada: “O futuro lhe pertencia. E a sua vida começava ali, naquele momento”. Em conversa de Jair com seu pai, ele transmite a interpretação subjetiva do tempo pela cultura que deseja assumir: “O senhor, com a sua luteria, eu, com os meus números e fórmulas, vivemos no Novo Mundo, na América, onde a história é linear e não cíclica” (Queiroz, 1990, p. 37). Mas há, por outro lado, a explicitação das diferentes sensações do tempo que ambos experimentam, concomitantemente, em suas vidas, por imagens em que se fundem diferentes tempos literários, como a que relata o narrador do romance: “Sob a impressão de que uma névoa espessa se abria, de repente, à luminosidade do sol e que o seu futuro – futuro agora remoto, comparecia ali, inteiro, naquele episódio do passado, Faustino freia o carro. Bruscamente” (Queiroz, 1990, p. 69).

As compreensões do tempo obtidas por Maria José de Queiroz (1996b) e Andrei Kofman (2020) partem da premissa que o tempo literário não pode corresponder ao tempo histórico, pois não se situa na realidade. Por possuírem o mesmo entendimento, Sinha e

Bernárdes (2015, p. 57) explicam: “O tempo [histórico] como experienciado é composto das propriedades de eventos, os quais têm dois aspectos perceptíveis básicos: duração e sucessão (ou ordem sequencial)”. Já o tempo literário é uma representação do tempo histórico que depende do discurso artisticamente elaborado. Jiménez (1989, p. 38) detalha: “Toda narração apresenta uma anacronia de ordem geral, já que a linearidade da linguagem obriga a uma apresentação em ordem sucessiva de fatos que quiçá são simultâneos. Mas também toda narração oferece multitudes de anacronias particulares ou de detalhe”. Por conseguinte, tempo histórico e tempo literário constituem no âmbito da literatura um sistema formado por representações subjetivas, ficcionalizadas, do tempo objetivo, historicizado. Contudo, por observar que a refração se inicia desde a própria percepção individual dos acontecimentos situados no tempo histórico, pergunta Queiroz (1996b, p. 13): “Que realidade é essa, então? Múltipla, mutante, submissa ao olhar e à sensibilidade de quem passa?”.

O tempo histórico emerge, na obra de Queiroz, refratado em frequentes descrições que evidenciam o profundo conhecimento de História que essa autora possui. No romance *Homem de sete partidas* (Queiroz, 1980), o início do século XX na Europa e América Latina é desenredado em seus aspectos políticos e socioeconômicos, com especial ênfase para as terras colombianas: “Durante a década de 20, as doutrinas anarquistas difundiram-se no país. A inflação, que culminaria com a crise de 29, endividara a Colômbia” (Queiroz, 1980, p. 78-79). Jari Leite herdara de seu pai o cabedal da cultura judaica, mesmo tendo sido criado na pequena cidade fictícia de São Godofredo, cujos moradores “[...] ignoravam o mundo, sua história e sua geografia. Jamais tinham ouvido falar de Abraão de Avenara, o sábio, o grande, o admirável. Nem, tampouco, de Maimônides, o profundo autor do *Guia dos vacilantes*” (Queiroz, 1990, p. 12). Essas referências aos polímatas medievais Rabi Abraham ibn Ezra e Rabi Moisés Maimônides, ambos nascidos na Espanha, contrasta com a perseguição de que foram posteriormente alvo os judeus, nesse mesmo país, para dar um sentido à decisão do personagem central, de mudar seu nome. Mesmo no livro infantojuvenil, Queiroz não se furta às referências históricas ficcionalizadas, fazendo desfilar “Paracelso, o pai da Medicina” (Queiroz, 1998, p. 26) e “Cortés, o conquistador espanhol” (Queiroz, 1998, p. 26). A criança que se vê embrenhada na trama, seja o protagonista Dudu, seja um jovem leitor, absorve esse conhecimento com “[...] o desejo inquieto [, atávico,] de vencer o tempo, anulando, simultaneamente, a distância e a duração” (Queiroz, 1996b, p. 63).

O tempo surge, portanto, por obra e graça do narrador, o qual, conduzido pelo autor, pode refratá-lo sob diversos ângulos: “Mercê do acaso ou da necessidade, o artista logra surpreender e captar um instante efêmero da realidade onímoda. Tem-se, então, cristalizado, na sua obra, um *flash* pessoal. Com o qual o futuro leitor, contemplador ou ouvinte poderá, ou não, coincidir” (Queiroz, 1996b, p. 14, grifo da autora). Pois, em que pese esse trabalho artesanal com filigranas de uma escritora como Maria José de Queiroz, hábil na palavra e profunda em seu conhecimento da cultura humana, vale a advertência de Barthes (1987, p. 47-48, grifos do autor), quanto ao papel do ficcionista:

O escritor se encontra sempre sobre a mancha cega dos sistemas, à deriva; é um *joker*, um *mana*, um grau zero, o morto do *bridge*: necessário ao sentido (ao combate), mas ele mesmo privado de sentido fixo; seu lugar, seu *valor* (de troca) varia segundo os movimentos da história, os golpes táticos da luta: pedem-lhe tudo e/ou nada.

Sujeito aos limites de seu papel de criador, o escritor não tem como fazer face às circunstâncias espaciais e temporais enfrentadas por sua obra.

3 Marcadores temporais qualitativos

O poder do ficcionista é sobre o domínio da palavra, por cujos fios movimenta narradores e personagens e “[...] se apropria das coisas para situá-las no tempo e no espaço, ao alcance da inteligência e da sensibilidade”, conforme reflete Queiroz (1996b, p. 124), ao debruçar-se sobre a obra de Elias Canetti. Essa escritora aponta a relação entre tempo e espaço ao discorrer sobre domínio e poder, “[q]ue se exercem, progressivamente, sobre a distância e sobre a duração, elevando, quem os detenha, a um ponto de primazia diante dos demais” (Queiroz, 1996b, p. 65). Ao criar seus mundos ficcionais, o escritor correlaciona as vidas de seus personagens com base em vínculos de poder e domínio definidos espacial e temporalmente, cuja descrição se serve proficuamente de marcadores temporais qualitativos. Assim sendo, Maria José de Queiroz entretete sua narrativa com substantivos, adjetivos, advérbios e verbos semanticamente associados a tempo e espaço.

Sinha e Bernárdes (2015, p. 62) distinguem das metáforas que relacionam tempo e espaço o léxico e as expressões que especificam duração e sucessão, e detalham: “Duração é a extensão temporal. Sucessão é a posição temporal. Ao afirmar isso, estamos, de fato, convidando a uma analogia entre duração e extensão espacial e sucessão e posição espacial”. A representação literária de sequências de tempo vê-se, portanto, impactada pelo tempo subjetivo, o qual pode ser expresso por metáforas espaciais que indicam as características estilísticas de cada autor para constituir a temporalidade narrativa manifestada por seu narrador. À guisa de exemplo, tem-se que Joel titubeava perante a decisão de seu noivado: “Desejava, ou não desejava, tocar pra frente o compromisso?” (Queiroz, 1990, p. 115). O significado do substantivo “frente” é geralmente indicativo de lugar ou posição (Borba, 2002), mas gera, igualmente, a imagem temporal de futuro. Contudo, associado ao verbo “tocar”, ao mesmo tempo que indica direção para a frente, para esse futuro, pode também ser associado a “[...] aplicar com força” (Borba, 2002, p. 1546). Destarte, os leitores podem interpretar que Joel questionava se valeria a pena dar seguimento a um compromisso que não o satisfazia plenamente, pois não lhe encantava, de maneira que poderia se tornar pesado, difícil de ser empurrado adiante.

A par de o tempo literário compor, em cada produção literária de um autor, um sistema integrado à narrativa, ele também se traduz em uma parte imprescindível do sistema literário que cada autor vai construindo com suas escolhas de caráter filosófico, cultural, linguístico, as quais contêm suas próprias peculiaridades temporais. Chris Sinha e Enrique Bernárdez (2015, p. 62) relacionam como marcas temporais certos advérbios, datas, referências calendárias e “[...] tempos nomeados do dia (meia-noite, três e meia)”. É com uso desses recursos que tio Euclides é apresentado pelo narrador em função de seu espólio, “[...] processo, aberto em 1942, após o seu desaparecimento” (Queiroz, 1980, p. 16), e que deveria ser concluído: “Não tínhamos senão *noventa dias* diante de nós” (Queiroz, 1980, p. 16, grifo nosso). Essas representações de tempo sequencial podem assumir significados de ordem sócio-histórica, como na seguinte descrição, em que a indicação do século remonta a uma tradição cultural de peso: “A casa dos Ayala, num fundo de bosque, ficava a alguns quilômetros da cidade. Construção sólida, do século XVIII, escapara ao terremoto que em 1827 destruíra a capital” (Queiroz, 1980, p. 84).

Fátima Oliveira (2003) identifica como a categoria “tempo” pode se manifestar na língua portuguesa não apenas pelo uso de diferentes classes gramaticais, como os advérbios, mas também pela predicação verbal, nominal ou verbo-nominal que semanticamente indique o aspecto temporal: “O *Aspecto*, por seu turno, fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua predicação” (Oliveira, 2003, p. 129). Ressalta-se da ficção de Maria José de Queiroz os seguintes predicativos: “Ninguém é eterno” (Queiroz, 1980, p. 19); “O tempo, curto, parecia alongar-se indefinidamente” (Queiroz, 1980, p. 68); “O passado é passado” (Queiroz, 1998, p. 31); “O que eu sei é que cada fase da vida tem uma canção em estribilho. E que volta, volta sempre, com o passado” (Queiroz, 1990, p. 62). Locuções adverbiais de tempo podem ter seu sentido de marcadores temporais qualitativos intensificado, como em: “Ao *cair da noite*, rara vez se livrava de pesadelos indescritíveis: eram campos de concentração, câmaras de gás, filas e filas de figuras esqueléticas num desfile interminável à beira da sua cama” (Queiroz, 1990, p. 4, grifo nosso); “Colheria emoções e lembranças para o *tempo da caduque*” (Queiroz, 1980, p. 20, grifo nosso). Ambas locuções podem transmitir imagens melancólicas, associadas à lenta finalização, seja de um dia, seja da vida.

Os marcadores temporais que visam na ficção a evidenciar sequências do tempo podem estar também relacionados a vínculos de parentesco, conforme indicam Sinha e Bernárdes (2015), e surgem na descrição das relações entre as personagens de uma narrativa. Assim, Dudu interage com seu avô Nicolau, o qual, ao contar-lhe que “De menino, eu aprendi que ‘Quem dá aos pobres, empresta a Deus’” (Queiroz, 1998, p. 40), está recordando a época em que tinha a idade de seu neto.

Entre as expressões idiomáticas utilizadas por Queiroz, há algumas em que o verbo *ter*, associado a tempo, salienta a situação apresentada. Dudu, instado por sua família a executar diversas tarefas domiciliares, acabava transcurando seu estudo, pois: “Não tinha tempo nem para cuspir!” (Queiroz, 1998, p. 9). Há para Dudu a negação da posse do tempo, de sua gestão. Outros verbos são empregados pela autora para criar a imagem de uma extensão temporal subjetiva: “Dudu sai correndo para fazer durar a hora que tinha pela frente” (Queiroz, 1998, p. 11); “Querida contar a história do seu Divino mas vacilava, vacilava” (Queiroz, 1998, p. 35). Os verbos “correr” e “vacilar”, nesses contextos, ao trazer a ideia de movimento, carregam internamente informação temporal que incide na estrutura interna dos enunciados.

Esses exemplos mostram representações de tempo subjetivas, que não correspondem a um intervalo de tempo verificável no âmbito da realidade. Alfonso Martín Jiménez (1989, p. 40) explica a diferença entre os tempos objetivo e subjetivo, estando o tempo cronológico vinculado apenas ao primeiro, pois o segundo, ao invés de considerar as ações externas, prende-se ao processo psicológico das personagens, ao modo como estas sentem e significam tais ações. Na autodiegese, então, autor e narrador podem aliar-se num mesmo personagem que, conforme descreve Queiroz (1996b, p. 112), “[...] volta-se para o passado, para o seu passado. Atento observador das verdades gerais e universais, desembaraça da trama do tempo o fio da própria vida, enredado à espessa teia de ciência e de saber, de temores e de esperança [...]”. Tem-se, então, no discurso que os aproxima, a combinação dos tempos objetivo, conectado à memória do autor, e subjetivo, que reproduz artisticamente as recordações.

Os diálogos em *Sobre os rios que vão* (Queiroz, 1990) são ricos em provérbios, os quais se definem, de acordo com o *Dicionário de usos do português do Brasil* (Borba, 2002, p. 1289) como: “[...] sentença de caráter prático e popular, expressa em forma sucinta e geralmente rica

em imagens; adágio; ditado”. Ocorre que o personagem Faustino costuma se expressar por provérbios, desfilando alguns que encerram ensinamentos de caráter temporal, tais quais: “Cuide da vida que a morte é certa” (Queiroz, 1990, p. 24); ou “[...] *cada día gallina, amarga la cocina* [, cuja explicação é:] O que se come todo dia, acaba por enfarar” (Queiroz, 1990, p. 45). Esse hábito de Faustino é seu modo de expressar sua compreensão de mundo com base em sua cultura judaica.

Constata-se com isso que nem todos os marcadores temporais geram explicitamente noções temporais pelo uso de vocábulos como advérbios de tempo ou outras expressões de caráter explicitamente temporal. Alguns podem referir-se apenas implicitamente a circunstâncias temporais, como na reflexão: “Aprenda a virtude da paciência” (Queiroz, 1980, p. 18).

A escrita de Maria José de Queiroz é própria de uma polímata, percorre com erudição e, portanto, precisão – tanto científica quanto lexical – diversas áreas e espaços culturais, o que a torna sofisticada, podendo-se lhe aplicar a observação de Barthes (1987, p. 56) de que, “[...] em certos textos, há palavras que brilham, são aparições distrativas, incongruentes – pouco importa que sejam pedantes”. O brilho do tempo pode se manifestar pelo que Sinha e Bernárdez (2015) denominam mapeamentos metonímicos, como no seguinte trecho narrativo: “No início de março seu navio atracaria em Lisboa. A seguir, *a pouco e pouco, ao sabor do clima e da estação*, estabeleceria o trajeto europeu da grande viagem de volta ao mundo” (Queiroz, 1980, p. 21, grifo nosso).

Ao relacionar tempo e espaço para construir sentidos, Queiroz ressalta a ânsia do ser humano por vencer o tempo. Em *O chapéu encantado* (Queiroz, 1998), essa peça de vestuário para cobertura da cabeça passa a simbolizar a contínua produção do conhecimento ao longo da história, com o alerta sobre seu uso inadequado para aquisição de poder, sob risco de causar destruição. A passagem do chapéu de mão em mão simboliza a reprodução de profissionais que se destacam por seu esforço intelectual e por suas ações beneficiam a humanidade. Essa imagem é reforçada pela lenda do Conde São Germano, que ao dominar o tempo tornou-se imortal, podendo significar que a sabedoria humana transcende o tempo.

Mais de um personagem de Queiroz segue a trajetória que sua criadora atribui peremptoriamente ao escritor Elias Canetti: “Concluído o balanço da época, volta-se para o passado, para o seu passado. Atento observador das verdades gerais e universais, desembaraça da trama do tempo o fio da própria vida, enredado à espessa teia de ciência e de saber, de temores e de esperança” (Queiroz, 1996b, p. 112). É assim com seu Divino, o mendigo que, sem ter sequer o que comer, doa o chapéu a Dudu, junto com um par de bons conselhos pautados em seu passado. É assim com Faustino, *luthier* especializado em violinos: “A lembrança do instrumento traz a Faustino o desejo de exorcizar a memória do passado, alongando de si as amarguras da guerra e do holocausto” (Queiroz, 1990, p. 28).

Algumas das personagens lidam com o empobrecimento como mais uma imagem das vicissitudes do tempo. O pequeno Dudu, embora de família modesta, manifesta uma extrema generosidade que desconcerta a si próprio, ao doar para o mendigo Divino cem reais, para que este possa lanchar (Queiroz, 1998). Como recompensa, recebe deste o chapéu encantado, que lhe permite aprender com facilidade as matérias da escola e muito mais. Para realçar a significação desse processo de acúmulo de conhecimento pelo menino, com suas consequências, o narrador estende ao futuro o destino desse chapéu e a finalidade a que ele estaria nesse momento atendendo: “Eduardo teria, durante algum tempo, o privilégio de aprender o que não sabia e de ilustrar-se bastante. Depois, o chapéu ficaria desaparecido uns

cem, duzentos anos...” (Queiroz, 1998, p. 32). Dudu estava, pois, mediante a posse do chapéu, predestinado a se tornar um grande realizador de seu tempo.

Também compõem o tempo literário, em combinação com o espaço, as descrições meteorológicas, que Queiroz sutilmente integra às memórias de suas personagens para criar contrastes emocionais:

A mais remota lembrança que tinha da infância era de um dia de chuva, muita chuva, com raios e trovões. Sua mãe tomava-o nos braços e o deitava numa cama grande, enorme, onde seu pai estava sentado. Ambos sorriam do seu medo. Depois, num dia de sol intenso, flores e mais flores por toda a parte: ele, em prantos, gritando e soluçando era empurrado por mãos desconhecidas até um pátio. O rosto da mãe desaparecia então da sua memória (Queiroz, 1996a, p. 26).

Barthes (1987, p. 70) discorre sobre a função dessas imagens climáticas na construção narrativa, com uma exemplificação:

Assim, é impossível de imaginar notação mais tênue, mais insignificante que a do “tempo que faz” (que fazia); no entanto, outro dia, ao ler, ao tentar ler Amiel, irritação pelo fato de que o editor, virtuoso (mais um que exclui o prazer), tenha julgado estar procedendo bem ao suprimir desse Diário os detalhes quotidianos, o tempo que fazia às margens do lago de Genebra, para conservar apenas insípidas considerações morais: é no entanto este tempo que não teria envelhecido e não a filosofia de Amiel.

Existe ainda o tempo do leitor. Maria José de Queiroz recorre em seus trabalhos ficcionais a pontos de virada que geram dúvidas e fazem o leitor refletir sobre o texto, para compor suas próprias considerações. Essa estratégia faz com que escritora e leitores se aproximem. Em *O chapéu encantado*, na reportagem da revista americana, Dudu toma conhecimento que seu Divino descobrira o chapéu à época que era frade (Queiroz, 1998, p. 19). Contudo, mais adiante, o próprio Divino nega a veracidade dessa informação, deixando a questão em aberto: “E você acredita no que dizem os livros, menino? Papel aceita tudo! Até rabisco de doido e garrancho de aluno preguiçoso! [...]” (Queiroz, 1998, p. 30).

O tempo é um grande instrumento para a condução do clímax. No romance *Homem de sete partidas*, Maria José de Queiroz faz uso de expressões que prenunciam suspense e reversões da trama, como “Impossível estabelecer um programa, sujeitar o futuro a um plano exato!” (Queiroz, 1980, p. 96). Na novela “O juramento”, a acurada investigação do detetive Pedroso sofre revezes com o surgimento de informações novas que contrariam seu rumo, as quais, no entanto, atendem ao vaticínio: “Tempo de maravilha e de encantamento. Mas, como os contos de fadas, terminado à chegada da bruxa”. A madrastra-bruxa é assassinada, a verdadeira mãe do enteado suicida-se, por haver participado desse ato, o caseiro, que Pedroso quisera justamente proteger, torna-se réu, e sobre as demais personagens fica a pairar a dúvida. O leitor participa, então, das reflexões e das emoções que conduzem a construção dos enredos, vivenciando-as, inserindo suas próprias hipóteses, sentindo seus efeitos, entre os quais o do próprio tempo transcorrido.

Jacques Derrida (2012, p. 232) pondera: “É evidente que se há acontecimento, é necessário que não seja nunca predito, programado, nem mesmo decidido”. Nesse movimento de se fazer o acontecimento ficcional, a refração cumpre a função de não expor o tempo em

sua singela transparência, mas de torcê-lo para que possa produzir os demais acontecimentos que a trama encerra e que impactam o leitor.

4 O tempo da saudade

A saudade é um marcador temporal que representa um estado de espírito que remete ao passado e gera nostalgia. É uma das emoções que, para impactar um texto literário, pode se tornar refratária, conforme a expressão mineira utilizada por Emílio, amigo de Jari: “[...] aí é que se sabe quanto dói uma saudade” (Queiroz, 1990, p. 81). O vocábulo “saudade” provém, conforme ensina o *Dicionário etimológico resumido* (Nascentes, 1966, p. 677, grifo do autor): “Do lat. *solitudo* ‘soledade, solidão’, através do arc. *soydade, suydade*, com influência de *saúde*”. O termo saudade sempre indica a sensação de falta de um referencial que se encontra fora do presente e cuja ausência lamenta-se. O *Diccionario da Lingua Portuguesa* (Moraes e Silva, 1823, p. 649, grifos do autor) já registrava, para essa palavra, a seguinte acepção: “SAUDÁDE, s. f. A mágoa, que nos causa a ausência da coisa amada, com o desejo de a ter presente, e tornar a ver: vem de *soledade* [...] *fazer saudades*; olhando para onde está coisa que as causa, cantando ou dando outras mostras das que padecemos”.

Na obra de Queiroz surgem expressões temporais que indicam saudade, relacionadas a recordações – que são lembranças passadas guardadas no coração. Bernardo sente saudades do tio distante física e temporalmente: “A lembrança de Euclides, insistente, não o abandonara, ainda. Aquele itinerário de prodígios, caprichosamente preparado, objeto de estudo atento do mapa, de leitura prolongada de dicionários e enciclopédias, cristalizara-se, no seu íntimo [...]” (Queiroz, 1989, p. 34). Ao reler suas cartas, Bernardo emociona-se: “Tio Euclides, tio Euclides, quanta falta me faz! Nunca o sentira, antes, definitivamente morto, excluído do nosso convívio. Situava-o, acredito, numa espécie de limbo, de onde o retirava de tempo em tempo, a prazer” (Queiroz, 1989, p. 45-46).

Outro personagem de *Homem de sete partidas* (Queiroz, 1980), *Mandinga*, que havia sido empregado, sócio e amigo de Euclides Gomes Bastos, exacerbava sua saudade, a ponto de transformá-la em devoção:

Muito curiosamente descobri que para o *Mandinga* o mistério do desaparecimento de Euclides, tanto quanto seu provável assassinio, tinham assumido caráter sagrado. A tudo se referia em voz baixa, como se me iniciasse no segredo da religião que ele praticava – a da lealdade ao amigo jamais traído e jamais esquecido” (Queiroz, 1980, p. 181).

A saudade da criança é mais doce. Dudu estava muito entusiasmado com o chapéu encantado. “Só uma coisa o entristecia: seu Divino tinha desaparecido. Mais de trinta dias e... nenhum sinal do velhinho. E ele queria tanto contar-lhe tudo quanto lhe acontecera depois que passara a usar o seu chapéu!” (Queiroz, 1998, p. 26). O tempo vai passando, mas Dudu não desiste de esperar pelo mendigo:

No dia 24 de dezembro, véspera de Natal, Dudu encontrou-o deitado no vão da porta do bar. Trazia-lhe uns trocados e um pedaço da torta de abacaxi que sua mãe fizera para a ceia.

– Que bom, seu Divino! Que bom que o senhor reapareceu! Eu já estava preocupado!

– É por isso mesmo que desapareço de vez em quando, menino: para provocar saudade. Arroz-doce todo dia enjoa! Tem uns trocados para o velho? (Queiroz, 1998, p. 42).

Considere-se que, nesses dois exemplos, a saudade vê-se exacerbada pela incerteza que o mistério acarreta. Forster (2005, p. 69) indica que “[...] um mistério é um buraco no tempo, que se abre de maneira abrupta”, e por esse vão a saudade às vezes escorre. Pois a saudade de quem se afasta por um tempo marcado por um intervalo bem definido, por um tempo que parece controlável dentro do espaço, é morna. Mas a saudade de quem some no indefinível é profunda, mesmo que não pareça intensa. E Maria José de Queiroz insere em sua obra o mistério como um ingrediente indispensável ao efeito estético que esta produz.

5 Considerações finais

Este artigo propõe um enfoque sobre algumas nuances do tempo literário em parte da extensa obra de Maria José de Queiroz. Consideraram-se, para tanto, apenas os romances *Homem de sete partidas* (Queiroz, 1980) e *Sobre os rios que vão* (Queiroz, 1990), o livro de novelas *Amor cruel, amor vingador* (Queiroz, 1996a), o livro infantojuvenil *O chapéu encantado* (Queiroz, 1998) e o ensaio *Refrações no tempo* (Queiroz, 1996b). As referências utilizadas orientaram a identificação de aspectos linguísticos (Oliveira, 2003; Sinha; Bernárdez, 2015), semânticos (Queiroz, 1996b; Barthes, 1987; Derrida, 2012) e histórico-culturais (Queiroz, 1996b) do tempo, para ressaltar algumas características estilísticas da escrita de Queiroz.

A título de exemplificação do uso de referências temporais na construção literária, destacou-se o termo “saudade” e sua significação temporal, bem como alguns outros marcadores temporais qualitativos clássicos pertencentes a distintas categorias gramaticais, tais quais predicativos, determinados advérbios e locuções adverbiais. Além disso, destacou-se do romance *Sobre os rios que vão* (Queiroz, 1990) o uso de provérbios que, a par de constituírem o arcabouço filosófico da personagem Faustino, denotam a cultura que o sustenta. Constatou-se que esses elementos de caráter temporal cumprem distintas funções na ficção, como apresentar aos leitores o tempo cronológico, definir o fluxo do tempo subjetivo, enfatizar acontecimentos, sentimentos ou reflexões de um narrador.

Os exemplos brevemente destacados neste artigo demonstram que Maria José de Queiroz explora com maestria os recursos narrativos do aspecto temporal e suas funcionalidades, vinculando-os não somente aos efeitos dramáticos de sua ficção, como também à complexa realidade histórico-social que sua obra representa.

Referências

- BARBOSA, M. L. *História e memória na ficção de Maria José de Queiroz*. 2018, 155 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1984.
- BARTHES, R. *O prazer do texto*. Tradução de Jacob Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987. Coleção Elos.
- BORBA, F. S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- DERRIDA, J. Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento. *Revista Cerrados*, Brasília, v. 21, n. 33, p. 229-251, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26148>. Acesso em: 19 fev. 2025.
- ECO, U. *Confissões de um jovem romancista*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Tradução de Sergio Alcides. 4. ed. rev. São Paulo: Globo, 2005. Disponível em: <https://dlivros.com/livro/aspectos-romance-forster>. Acesso em: 26 fev. 2025. E-book.
- JIMÉNEZ, A. M. El tiempo objetivo y el sistema de mundos posibles en el texto narrativo. *Estudios de lingüística*. Universidad de Alicante, Alicante, n. 5, p. 37-47, 1988-1989. Disponível em: <https://uvadoc.uva.es/handle/10324/2088>. Acesso em: 24 abr. 2025.
- KOFMAN, A. O tempo ficcional literário e seus modelos. *Revista de Literatura e Cultura Russa – RUS*, São Paulo v. 11, n. 17, p. 167-189, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2020.168663>. Acesso em: 22 dez. 2024.
- MORAES E SILVA, A. de. *Dicionário da Língua Portuguesa*: recopilado de todos os impressos até o presente. Tomo segundo G-Z. 3. ed. Lisboa: Typographia de M. P. de Lacerda, 1823.
- NASCENTES, A. *Dicionário etimológico resumido*. Coleção Dicionários Especializados. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966.
- OLIVEIRA, F. Tempo e aspecto. In: MATEUS, M. H. M. et. al. (Orgs.). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003. p. 127-178.
- QUEIROZ, M. J. de. *Homem de sete partidas*. Apresentação de Pedro Nava. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1980. Coleção Vera Cruz, v. 305.
- QUEIROZ, M. J. de. *Sobre os rios que vão*. Rio de Janeiro: Atheneu-Cultura, 1990.
- QUEIROZ, M. J. de. O juramento. In: QUEIROZ, Maria José de. *Amor cruel, amor vingador*. Rio de Janeiro: Record, 1996a. p. 19-93.
- QUEIROZ, M. J. de. *Refrações no tempo*: tempo histórico, tempo literário. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996b.
- QUEIROZ, M. J. de. *O chapéu encantado*. 7. ed. Ilustrações de Cláudio Martins. Belo Horizonte, MG: Editora Lê, 1998.
- SINHA, C.; BERNÁRDEZ, E. Espaço, tempo e espaço-tempo: metáforas, mapas e fusões. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 53-77, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/16289>. Acesso em: 24 abr. 2025.